

PT acredita que Lula obteve uma vitória política

Radicais e moderados do partido destacam o crescimento das oposições no Congresso Nacional e nas disputas estaduais

José Luís da Conceição

Vanice Cioccarl

• SÃO PAULO. Embora ainda estejam na expectativa do resultado final da eleição presidencial, os petistas — radicais e moderados — consideram que Luiz Inácio Lula da Silva pode ter perdido eleitoralmente, mas venceu politicamente o confronto com o presidente Fernando Henrique Cardoso. As divergências que tanto atrapalharam o começo da campanha de Lula, principalmente a briga no Rio por causa da aliança com Anthony Garotinho (PDT), por enquanto, não ameaçam. Na avaliação geral, o PT e as oposições cresceram no Congresso e nas disputas estaduais.

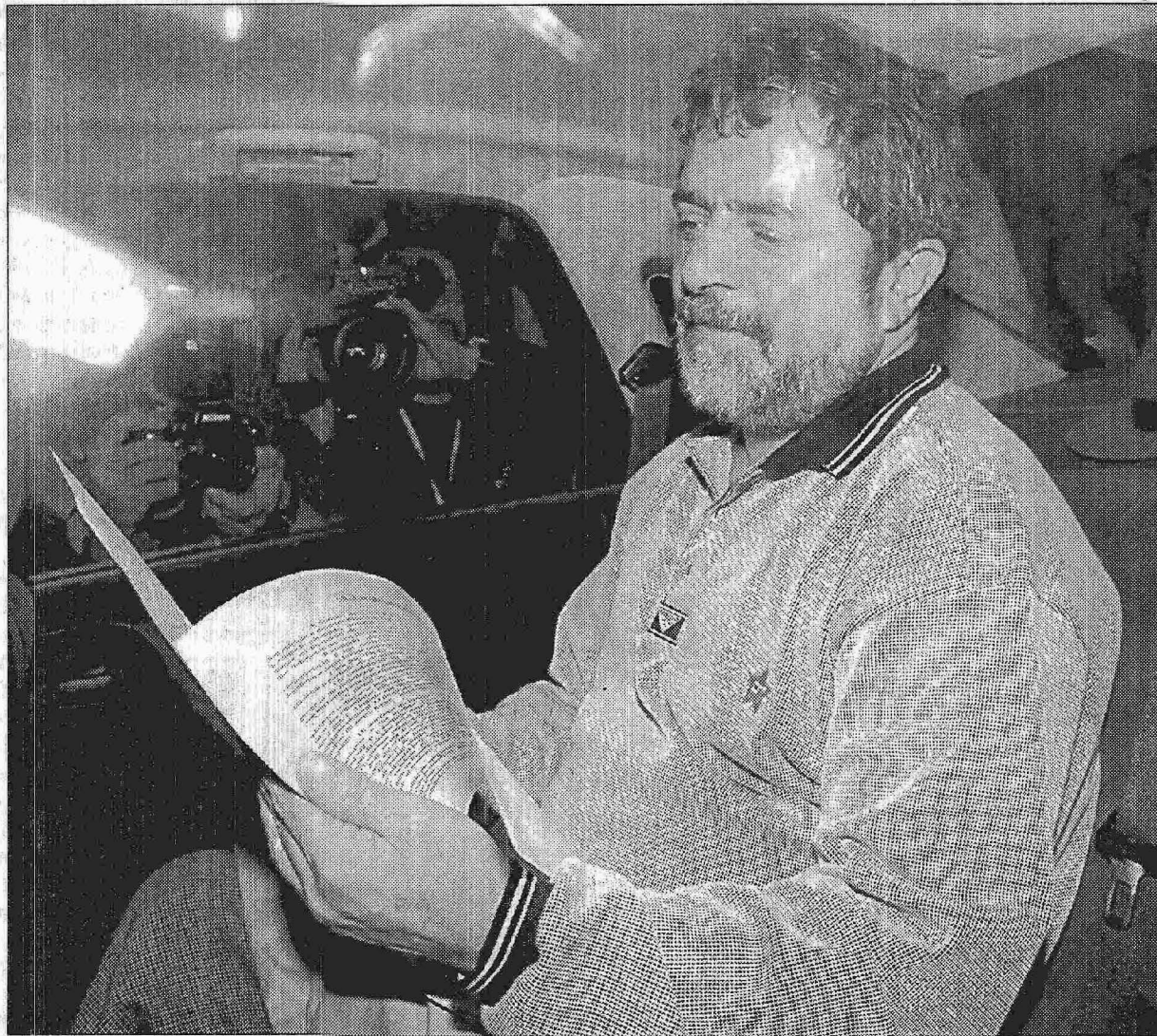
Partido fará um debate interno

O partido, no entanto, inevitavelmente passará por um processo de debate interno. À primeira vista há dois pontos de conflito latente. O primeiro, quanto à formalização de uma aliança de oposição com o PDT e os demais partidos que apoiaram Lula. O segundo é sobre uma possível aproximação com Ciro Gomes (PPS), que saiu da disputa presidencial com cerca de 11% dos votos.

— O nosso projeto é oposto ao de Fernando Henrique Cardoso, mas não sei qual é o de Ciro Gomes. Ele mantém um acordo tácito com o PSDB, pelo menos no Ceará — afirmou o secretário-geral do PT, deputado Arlindo Chinaglia.

Ele, no entanto, ressalva que o partido pretende manter a frente das oposições contra o que chama de projeto neoliberal do presidente Fernando Henrique e, se Ciro quiser participar, será bem-vindo. O deputado federal Milton Temer (PT-RJ), considerado da ala radical (esquerda) do partido, não vê problemas numa aproximação com Ciro, mas quando houver o que chama de identificação pontual de objetivos.

— Não causou nenhum protes-



LULA À ESPERA do resultado final: uma vitória política, apesar da derrota eleitoral, segundo a avaliação dos petistas

to da esquerda do partido Lula e Ciro terem sentado lado a lado na semana passada para denunciar a crise econômica e a desigualdade no processo eleitoral — disse Milton Temer.

Contrário à aliança com o PDT de Garotinho no Rio, o deputado fluminense também discorda da idéia de manter uma aliança formal dos partidos de oposição. Segundo ele, isso enfraqueceria a identidade partidária.

— Se nós queremos acabar com as tendências e correntes cristalizadas no PT, por que vamos cristalizar relações interpartidárias numa aliança? — pergun-

tou, para defender a tese de unidade informal das oposições.

Mesmo sendo filiada ao PT, a cientista política Maria Vitória Benevides não alimentava esperanças de segundo turno na eleição presidencial, considerando a desigualdade de condições imposta pela novidade da reeleição. Para Maria Vitória, a terceira derrota de Lula reacende as discussões internas no partido.

Previsão de maiores

problemas para o presidente

A cientista política diz que os problemas da oposição serão maiores do que as dificuldades do

presidente Fernando Henrique Cardoso reeleito.

— O PT não vai se descredenciar como oposição com a derrota de Lula porque Fernando Henrique vai ter de administrar uma massa falida. A situação vai ficar tão ruim que só vai dar razão às críticas e alertas feitos pelo partido — avaliou Maria Vitória, acrescentando que durante a campanha o PT, a coligação União do Povo e Lula não apenas alertaram como apresentaram propostas para problemas como a crise e o desemprego.

Lula deverá se transformar no “grande ombudsman da cidade-

nia” e continuar viajando pelo país em defesa dos mais pobres e dos excluídos, segundo Maria Vitória. Mesmo com a derrota do petista, ela ressaltou que a oposição se fortaleceu no Congresso e nos estados, como Marta Suplicy (PT), que disputa voto a voto com o governador Mário Covas a vaga para o segundo turno.

O presidente do PT paulista, Antônio Palocci, concorda, ressaltando que a grande votação de Marta, a maior que o partido recebeu numa eleição para governador no estado, é boa para o partido. Segundo ele, Marta é uma liderança independente,

desvinculada das várias correntes internas do partido.

— Essas eleições vão provocar um novo diálogo no partido, com a projeção de uma nova liderança que não vem do processo interno e que surge com um discurso novo. É o caso da Marta, mas que encontra eco também em outros nomes como o de Tarso Genro e de José Genoíno — afirmou Antônio Palocci.

Cientista política diz que cobranças a FH serão maiores

Na avaliação de Maria Vitória, o presidente Fernando Henrique Cardoso vai partir para um segundo mandato numa situação extremamente delicada. Segundo ela, a crise econômica e as cobranças, tanto dos eleitores como dos aliados, serão maiores a partir de agora.

— Quanto mais votos, maior a expectativa de que ele conserte o estrago na economia. O eleitor vai cobrar a promessa que ele fez de derrubar o desemprego como derrubou a inflação. Ao mesmo tempo, Fernando Henrique não terá o mesmo apoio que teve dos aliados nestes quatro anos. Agora, a conta do Plano Real chegou e eles estão com um nível de insegurança tremendo. Os partidos da sua coligação, como o PFL, vão pensar nos seus interesses e em eleger seus próprios candidatos em 2002 — observou Maria Vitória.

O presidente nacional do PT afirmou que a coligação não aceita ainda que o presidente Fernando Henrique Cardoso esteja eleito. Considerando a eleição deste ano maculada, José Dirceu evitou, no entanto, adiantar que atitude a coligação que apóia Lula vai tomar quando sair o resultado oficial. O presidente do PT disse que os partidos da oposição foram mobilizados para realizar a fiscalização para evitar fraudes que favoreçam o Governo. Mas o principal alvo de ontem foram os institutos de pesquisas. ■